

XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB 2013)
GT 10: Informação e Memória

Comunicação Oral

MEMÓRIAS COTIDIANAS DE FRANCIELLY

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira – UFPB
Brenda Alves Andrade – UFPB

Resumo

O estudo visa identificar as memórias cotidianas de uma missivista participante da Campanha Papai Noel dos Correios do estado da Paraíba do ano de 2009 e tem como foco analisar o cotidiano de uma garota de 13 anos de idade, chamada Francielly, a partir de sete cartas escritas por ela. Adotou-se como arcabouço metodológico a abordagem qualitativa do tipo documental e utilizamos a teoria da escrita de si de Foucault (1992) para adentrar nos escritos dessa jovem missivista. O estudo dessas epístolas é relevante porque a memória individual de Francielly se apoia na memória coletiva, pois todo indivíduo faz parte de um grupo. Foram selecionados trechos de suas cartas que contavam histórias do seu dia a dia. Identificamos uma trajetória cheia de curvas em que se resume no cotidiano das famílias mais pobres do Estado da Paraíba. Com este estudo visamos contribuir para um reconhecimento deste artefato memorialístico que conta e reconta a história de grupos por meio de escritas de si.

Palavras-chave: Cartas. Escrita de si. Memória. Cotidiano.

Abstract

The study aims at identifying the daily memories of a participant writer of the *Santa Claus Campaign* of the *Correios* of Paraíba state in 2009 and it focuses on analyzing the routine of a 13-year-old girl, called Francielly, from seven letters written by her. In relation to the methodological fundamentals, the qualitative approach of documental type was adopted and Foucault's (1992) theory of self-writing was used so as to understand the writings of this young writer. The study of these epistles is noteworthy because Francielly's individual memory is based on the collective memory, once every individual is part of a group. Excerpts from her letters that narrated stories about her daily routine were selected. A historical record full of curves concerning the daily routine of the poorest families from our State was identified. With this study, we aimed at contributing to an acknowledgement of this memorial artifact that narrates again and again the story of groups by means of self-writings.

Keywords: Letters. Self-writing. Memory. Daily routine.

1 INTRODUÇÃO

A Campanha Papai Noel dos Correios, programa social instituído pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), realizada há mais de 20 anos e desenvolvida em 28 diretorias regionais por ocasião das festas natalinas, destina-se principalmente a crianças que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Este programa revela-se uma ação social das mais significativas do país que se utiliza de epístolas como meio confessional (FOUCAULT, 1992). Voltar-se criticamente para essas epístolas, significa também ouvir vozes silenciadas e nem sempre ouvidas. Dar voz a um grupo que encontra nas epístolas, o

meio de evocar lembranças do passado, registrar o presente e em muitos casos clamar por ajuda, mesmo que essa ajuda seja a um personagem da cultura material moderna: o Papai Noel (OLIVEIRA, TAVARES, ANDRADE, 2012). Estas materializam histórias de vidas escritas por crianças oriundas de todas as regiões brasileiras. No entanto, o presente trabalho visa descrever, a partir de um conjunto de cartas manuscritas da Campanha Papai Noel dos Correios, as memórias vivenciadas no cotidiano dos missivistas paraibanos revelando aspectos do pensamento da sociedade.

As epístolas da Campanha Papai Noel dos Correios trazem consigo diversas impressões. Este artefato está carregado de significações sociais, traz nas suas entrelinhas aspectos individuais como, sentimentos, desejos, sonhos ou ainda, coletivos como as vivências diárias dos missivistas. Eles escrevem sobre o seu cotidiano, eles contam sobre o seu comportamento, sobre a conduta familiar. A linguagem que eles utilizam é típica de uma cultura pouco letrada. É impressionante como eles descrevem a si mesmos, e aos outros, principalmente, os seus familiares, com uma riqueza de detalhes que provavelmente pessoalmente eles não fossem capazes de expressar. Como descreve Amossy (2005, p.9), “a apresentação de si não se limita a uma técnica aprendida, a um artifício: ela se efetua, frequentemente, à revelia dos parceiros, nas trocas verbais mais corriqueiras e mais pessoais”. Além do mais, a construção da imagem criada pelos missivistas, de si mesmos e de cada indivíduo com que ele convive, surge a partir “da imagem que eles fazem de si mesmos, do outro e a que imaginam que o outro faz deles.” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1989, p. 20 *apud* AMOSSY, 2005, p. 11).

Parece, pois, ter sido na relação epistolar – e, por consequência, para se colocar a si mesma sob o olhar do outro – que o exame de consciência foi formulado como um relato escrito de si mesmo, relato da banalidade quotidiana, das ações corretas ou não, do regime observado, dos exercícios físicos ou mentais aos quais cada um se entrega. Segundo Gomes (2004), a escrita de si integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si, no mundo moderno ocidental. Essa denominação pode ser melhor entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos. A autora acrescenta “que, embora o ato de escrever sobre a própria vida e a vida de outros seja praticado desde há muito, seu significado ganha contornos específicos com a constituição do indivíduo moderno” (GOMES, 2004, p. 11).

Percebe-se que as principais temáticas identificadas nas epístolas analisadas demonstram que essas correspondências pessoais servem como suporte para registros sobre o cotidiano, o corpo (saúde/doença) e os sentimentos da alma. Segundo Gomes (2004), “pode-

se, evidentemente, encontrar uma escrita de si que busque cobrir um período de tempo ordinário em suas múltiplas temporalidades: a do trabalho, da casa, dos sentimentos íntimos, do lazer e do cotidiano”.

E é a partir dessa escrita de si, que iremos no decorrer deste trabalho, evidenciar as memórias cotidianas do missivista paraibano. Neste caso, serão utilizadas 07 (sete) epístolas, escritas por uma missivista do gênero feminino, uma garota de 13 anos. Utilizamos para fazer a análise das memórias cotidianas, a abordagem qualitativa do tipo documental e adotamos a teoria da escrita de si de Foucault (1992) para adentrar nos escritos dessa jovem missivista.

2 MEMÓRIAS QUE NÃO SE CONTAM

A memória pode ser estudada e compreendida do ponto de vista de uma construção social em que grupos sociais criam um passado compartilhado, com a ajuda de um contexto social. Para Nora (1993), a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, neste sentido, está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações. No entanto sabemos,

[...] a memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. A rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedade múltiplas em que estamos envolvidos. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, é da combinação desses diversos elementos que pode emergir aquela forma que chamamos lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem. (HALBWACHS, 2006, p. 12)

Esse é o ponto de partida da nossa pesquisa, a partir de relatos pessoais de cada missivista, as memórias individuais e coletivas dobram-se em analogias que acabam por torná-las espécies que se interpenetram. No entanto, a memória individual subordina-se à coletiva, porque é domesticada pelos grupos sociais. Halbwachs (2006) assinala que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós.” [...] De acordo com Pollak (1992), os elementos constitutivos da memória individual ou coletiva em primeiro lugar são os acontecimentos vividos pessoalmente e em segundo lugar, os vividos por tabela, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade em que existe o sentimento de pertença.

Nas narrativas epistolares, apesar de serem depoimentos pessoais, relatos individuais de suas próprias vidas, é possível perceber fios que tecem relações coletivas. Essa não é uma

mera coincidência e sim uma consequência das experiências vividas em determinados grupos sociais. Os missivistas trazem consigo lembranças em comum, reminiscências de outros ou de realidades sociais. Nesse sentido, Halbwachs (2006, p. 39), ressalta que,

[...] Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. [...]

No contexto escrito pelos missivistas, percebe-se que, ao compartilharem experiências, conforme Ricoeur (2007) relata, os indivíduos reinterpretam e redescobrem o passado recompondo o contexto em que vivenciam, selecionando conteúdos importantes a serem recordados. Dessa forma, a escrita das epístolas pelos missivistas está diretamente relacionada à necessidade de lembrar-se de suas dificuldades e necessidades, objetivando despertar no receptor, neste caso específico, o Papai Noel dos Correios, a sensibilização da realidade do missivista, aliando-se à necessidade de expor através da escrita de si, os seus desejos mais íntimos, as suas frustrações, traumas, sonhos, entre outros.

Os discursos, que são em sua maioria de crianças, narram experiências passadas e que ainda fazem parte do seu presente na expectativa de que o seu pedido traga uma mudança no futuro, ainda que momentânea. Percebe-se que, muitas vezes, essas crianças trazem uma lembrança que segundo Halbwachs (2006, p. 45), se “apresenta como uma imagem que não estava localizada”, pois são desejos que não foram vivenciados por eles, e sim por um amiguinho ou por outra pessoa da sociedade e que eles almejam para sua vida. Ainda de acordo com o autor, “a família é o grupo do qual a criança participa mais intimamente nessa época de sua vida e está sempre à sua volta”, acontece que é perceptível a desestrutura familiar nos discursos das epístolas. A maioria das lembranças traz um tom amargo da vida e o desejo de viver uma vida melhor.

É interessante perceber que essas crianças estão muitas vezes em apuros, à margem da sociedade contemporânea, e é o pensamento da família ausente que fornece o contexto e a criança não precisa reconstituir o ambiente de sua lembrança, porque a lembrança se apresenta neste mesmo ambiente (HALBWACHS, 2006, p 46). O sentimento de abandono percebido nos discursos das epístolas é alarmante: abandono familiar, abandono da sociedade, abandono das políticas justas. Diante desse quadro, a criança é arrastada por pensamentos e

sentimentos que a afastam da vida normal para sua idade e toma para si responsabilidades que não lhes cabem. Para Halbwachs (2006, p. 47) “de lugar de criança, passa ao de pai, entra no grupo dos adultos, mas nem por isso deixa de ser criança”, pois apesar das dificuldades, ela continua bem ali, com aquele ar singelo que ninguém consegue apagar. Um jargão muito utilizado pela sociedade e repetido por Halbwachs (2006) revela que, é por isso que, às vezes, se diz que determinadas pessoas não tiveram infância, porque a necessidade de ganhar o pão se impôs muito cedo, fez com que entrassem nas regiões da sociedade em que os homens lutam pela vida. É interessante perceber que essas são as lembranças de uma infância de pessoas que nem passaram para a vida adulta. É o seu passado que continua tão presente.

Segundo Le Goff (1992, p. 423), a memória compreende a capacidade que o ser humano tem de conservar ou guardar certas informações passadas e recuperá-las no momento presente. A recuperação dos fatos vivenciados, por sua vez, pode ocorrer de forma voluntária ou involuntária. Assim, Maurice Halbwachs (2006) e o historiador Le Goff (1992) afirmam que a memória trabalha tanto com o vivido como com o imaginado; o que representa uma forma de relacionar passado, presente e futuro, buscando no passado os elementos constitutivos de projetos políticos do presente, servindo assim para a construção de especificidades culturais e reivindicações sociais. A memória não somente se liga à imaginação como fantasia, mas como representação de coisas reais que, de fato, estão presentes no nosso cotidiano. A memória também pode ser encarada como a defesa do esquecimento, sendo desenvolvida a ponto de assegurar os dados na memória com os exercícios de memória – assegurar que acontecimentos ruins do passado não ocorram novamente, como por exemplos algumas tragédias que acontecem no mundo todo. O lembrar-se é uma experiência de (re)significação, (re)conhecimento, (re)criação das coisas e de si.

Os discursos escritos nas epístolas perpassam a realidade de muitas pessoas, trazendo à tona informações, muitas vezes ricas em detalhes, de sofrimento, pobreza e descaso. Halbwachs (2006, p. 61) afirma,

[...] As leis naturais não estão nas coisas, mas no pensamento coletivo, enquanto este as examina e à sua maneira explica suas relações (A partir daí compreenderemos melhor que a representação das coisas evocadas pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas). [...]

É bem verdade que os fatos ocorridos com cada missivista têm suas particularidades, no entanto, são as leis impostas pela sociedade que fazem com que o indivíduo faça uma leitura dos objetos seguindo as normas que lhe são impostas e ensinadas. Dessa forma,

“qualquer recordação de uma série de lembranças que se refere ao mundo exterior é explicada pelas leis da percepção coletiva” (HALBWACHS, 2006, p. 62). O fato de o grande número de epístolas trazerem nas entrelinhas aspectos de uma classe social abastada exemplifica essa percepção coletiva que, nesse caso, foi feita por crianças. Halbwachs (2006) reforça ainda que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva; que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes.

A memória coletiva é o trabalho que um determinado grupo social realiza, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns (SCHMIDT; MAHFOUD, 1990, p. 291). Desta forma, o trabalho de análise das epístolas é uma espécie de acervo de lembranças cotidianas compartilhadas que são o conteúdo da memória coletiva da Campanha Papai Noel dos Correios do ano de 2009. De acordo com Halbwachs (1990, p. 25):

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre a nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias.

Assim, segundo Santos (2009), a memória coletiva passou a ser compreendida como parte constituinte ou das práticas reflexivas ou das construções sociais analisadas. Tanto através de testemunhos quanto de textos constituídos, a memória foi resgatada como sendo o caminho mais eficaz de acesso aos impasses travados no passado.

Podemos dizer, assim, que a memória social afeta as práticas cotidianas, exemplificando que o cotidiano vivido por certa população depende também das memórias pertencentes ao grupo. Assim, o cotidiano não escapa das consequências das acumulações, o cotidiano recebe da memória, um reflexo (LEFEBVRE, 1991). Percebemos, com isso, a consideração da memória coletiva na observação das práticas cotidianas. A observação da memória social coletiva nos faz perceber muitos porquês do cotidiano de uma sociedade.

Adentraremos no próximo tópico, nos escritos da missivista da Campanha Papai Noel dos Correios, versão 2009, que a partir de seus testemunhos deixados nas epístolas, resgataremos suas memórias cotidianas.

3 AS MEMÓRIAS COTIDIANAS DE FRANCIELLY

Neste item, descrevemos as nuances vivida por Francielly, 13 anos em seu dia-a-dia. A partir de diversos fragmentos extraídos de suas cartas construiremos uma trajetória cheia de curvas, típica de uma sociedade carente em todos os seus aspectos. Primeiramente, devemos descobrir quem é Francielly, quais as principais características de sua personalidade, para poder adentrar e trilhar as histórias de sua vida.

3.1 IMAGENS DE SI NO DISCURSO DE FRANCIELLY

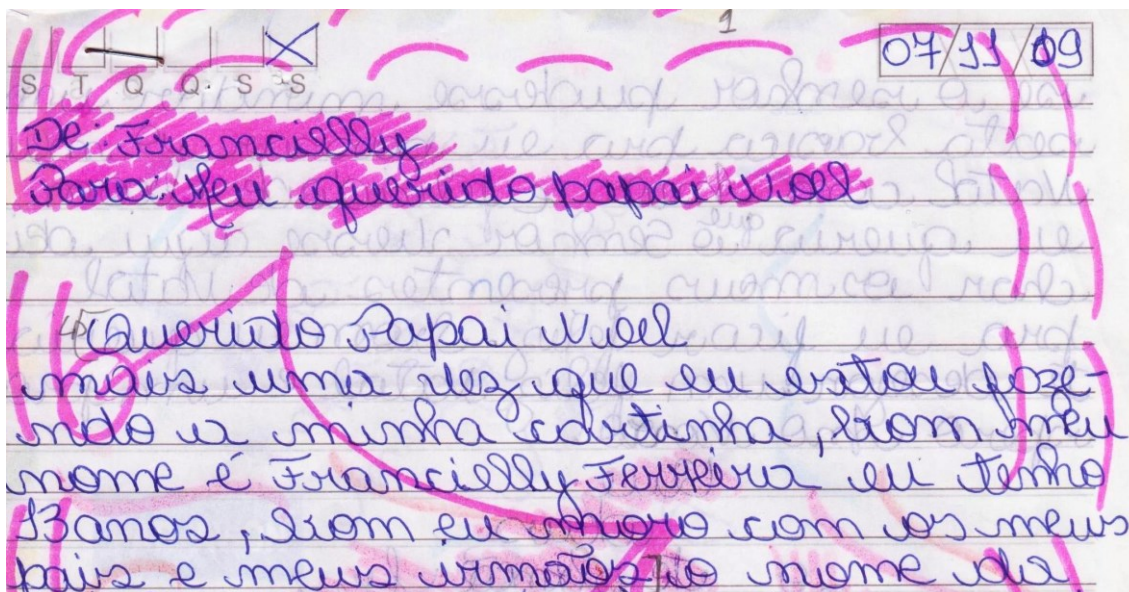
A partir das sete cartas escritas por Francielly, elaboramos uma noção da imagem de si no discurso dessa missivista. “O poder que o enunciador (neste caso Francielly) deve se conferir, e conferir a seu destinatário, devem ter certo status para legitimar seu dizer” (AMOSSY, 2005, p.16). Ou seja, de alguma forma a missivista utiliza-se de seu discurso (e da sua história) para impressionar e convencer, conseguindo assim o que quer. Cada tipo de discurso comporta uma distribuição preestabelecida de papéis, deste modo, a locutora, ou autora, ou enunciativa, como queiram, pode escolher livremente a sua “máscara”. Adotando a metáfora teatral de Goffman (1973, p. 23) que fala de representação, que para ele é “a totalidade da atividade de determinado indivíduo, em dada ocasião, realizada com o objetivo de influenciar de certa maneira um dos participantes”

No discurso das cartas da Campanha Papai Noel dos Correios, por exemplo, os missivistas podem falar para seu destinatário, como o indivíduo de uma sociedade impiedosa, ou como uma criança com fome, ou ainda como uma criança sonhadora, entre outros. Deste modo, segundo Amossy (2005), é nesse contexto que a noção de *ethos* adquire toda sua importância. O autor comenta que o *ethos* é compreendido por Aristóteles como a imagem de si construída no discurso, ou para os romanos, como um dado preexistente que se apóia na autoridade individual e institucional do orador (a reputação de sua família, seus estatuto social, o que se sabe do seu modo de vida, etc).

O tom da escrita aparece também como um ponto importante para se identificar o *ethos*, pois “o tom se apóia sobre uma dupla figura do enunciador, a de um caráter e de uma corporalidade” (AMOSSY, 2005, p. 16). Pois a maneira de dizer algo, permite a construção de uma verdadeira imagem de si.

Vejamos na carta nº 1 o trecho em que Francielly se apresenta:

Trecho da carta 1 – Carta da Campanha Papai Noel dos Correios



Missivista – Francielly, 13 anos.

Transcrição:

De: Francielly

Para: Meu querido papai Noel

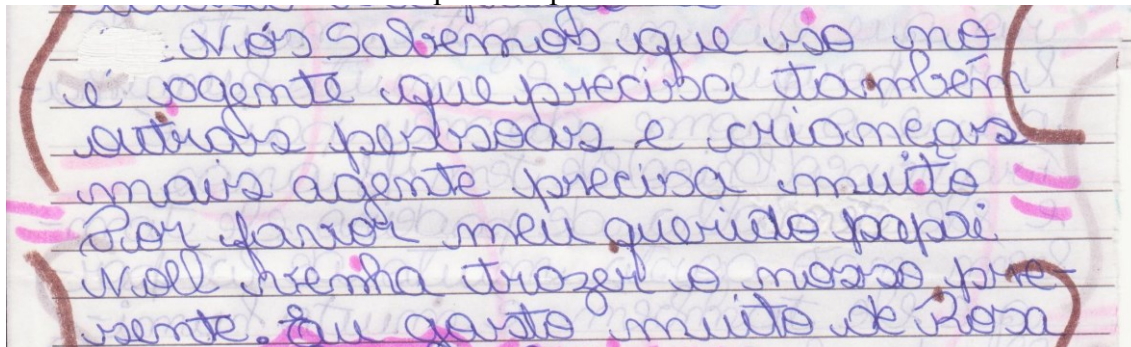
“Querido Papai Noel

Mas uma vez que eu estou fazendo a minha cartinha, bom meu nome é Francielly Ferreira eu tenho 13 anos, bom eu moro com os meus pais e meus irmãos”

Veja que sua apresentação é simples, cita seu nome e sua idade e seus laços familiares. Sua carta com esse tom marcante da cor rosa, pode dizer mais sobre o missivista do que seu próprio nome, pode caracterizar alguns traços de sua personalidade. A cor rosa está culturalmente associada ao universo feminino, transmite fragilidade e delicadeza, sugerindo feminilidade e afeição. O cor-de-rosa significa romantismo, ternura, ingenuidade. Algo bastante comum para uma menina que está entrando na adolescência, nesta idade toda história pode virar um romance em um piscar de olhos. De acordo com os psicólogos as pessoas possuem uma escala de cores próprias e que nelas é possível expressar seu humor, seu temperamento, sua imaginação e seus sentimentos.

Em outro trecho extraído da carta 2 podemos identificar mais algumas peculiaridades da imagem de Francielly no seu discurso.

Trecho da carta 2 – Carta da Campanha Papai Noel dos Correios



Missivista – Francielly, 13 anos.

Transcrição:

“Nós sabemos que so no é agente que precisa também outras pessoas e crianças mais agente precisa muito. Por favor meu querido papai Noel venha trazer o nosso presente. Eu gosto muito de Rosa”

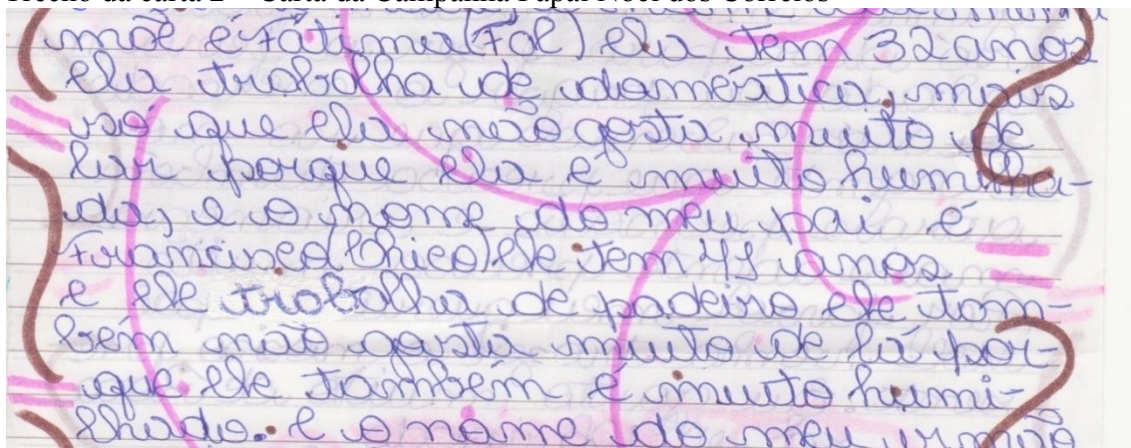
Participando da eficácia da palavra, a escrita de Francielly quer causar impacto e suscitar a adesão, pelo fato da necessidade que sua família passa, explicitada por ela. A forma do seu dizer, presente nesse pequeno trecho, demonstra um tom de solidariedade. Seria uma virtude (por lembrar que existem outras crianças necessitadas), por ser capaz de racionar em seus argumentos.

O tom de súplica (por favor) e de intimidade (querido) visível no trecho: *“Por favor meu querido papai Noel venha trazer o nosso presente”*, é uma demonstração de afetos, sentimentos exteriorizados pela missivista para com o seu destinatário.

A utilização da palavra “muito” nos dois trechos: *“agente precisa muito”* e *“gosto muito de rosa”*, indica a intensidade das suas súplicas. E o fato de a missivista gostar tanto da cor rosa, visível em todas as suas cartas, mesmo assim, ela sentiu a necessidade de escrever sobre isso, reafirmando o seu discurso.

Outro ponto marcante em sua escrita é quando ela demonstra preocupação com a vida de seus pais.

Trecho da carta 2 – Carta da Campanha Papai Noel dos Correios



Missivista – Francielly, 13 anos.

Transcrição:

“Mãe é Fátima (Fal) ela tem 32 anos só que ela não gosta muito de lar porque ela é muito humilhada, e o nome do meu pai é Francisco (Chico) ele tem 41 anos e ele trabalha de padeiro ele também não gosta muito de lá porque ele também é muito humilhado.”

A imagem que está sendo construída de si e do outro nesse momento se manifesta plenamente na perspectiva interacional entre Francielly e seus pais. (AMOSSY, 2005, p. 12) comenta que “dizer que os participantes interagem é supor que a imagem de si construída no e pelo discurso participa da influência que exercem um sobre o outro”. Deste modo, Francielly percebendo as angústias vividas por seus pais, a partir, de reclamações, de histórias contadas por eles, cansaço e desmotivação de continuar no trabalho, incita a missivista a trazer no seu discurso um tom de desabafo, de súplica, de angústia e a esperança de conseguir ajuda.

A partir dessa análise percebe-se que não é necessário que o missivista faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si, pois as entrelinhas de seu discurso são capazes de trazer informações relevantes e suficientes para construir uma representação de si mesmo.

3.2 MEU COTIDIANO, MINHA HISTÓRIA

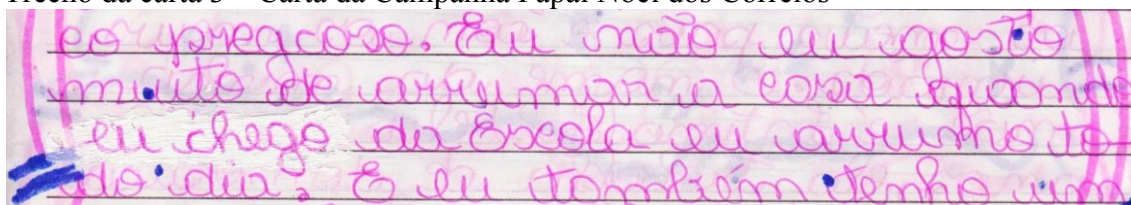
A partir da observação do cotidiano descrito nas cartas de Francielly, teremos a noção da cultura em que possivelmente ela está inserida, dos seus principais hábitos, as do grupo em que convive, do espaço em que vive, e pode-se observar também como esse lugar afeta esse grupo. O cotidiano pode ser entendido como o dia a dia do homem que habita o lugar. As práticas locais, que diariamente acontecem, se repetem, e passam a fazer parte, muitas vezes das histórias de vida de cada um. O cotidiano, ou melhor, suas práticas, tornam os lugares

dinâmicos. “Portanto, é transformador do lugar em que é praticado, assim como o lugar pode ser transformador das práticas cotidianas” (COELHO, 2012, p. 2).

Podemos observar o cotidiano a partir do presente, e também a partir das práticas cotidianas passadas. A memória social, as histórias de vida, objetos, ajudam a desvendar essas práticas passadas. A análise da vida cotidiana envolve concepções na escala da experiência social, tanto passadas quanto presentes. A partir daí, podemos nos apoiar nas memórias, nas histórias de vida.

Na carta nº 3 Francielly descreve diversos aspectos do seu cotidiano, na qual podemos observar atividades corriqueiras do dia-a-dia desta missivista.

Trecho da carta 3 – Carta da Campanha Papai Noel dos Correios



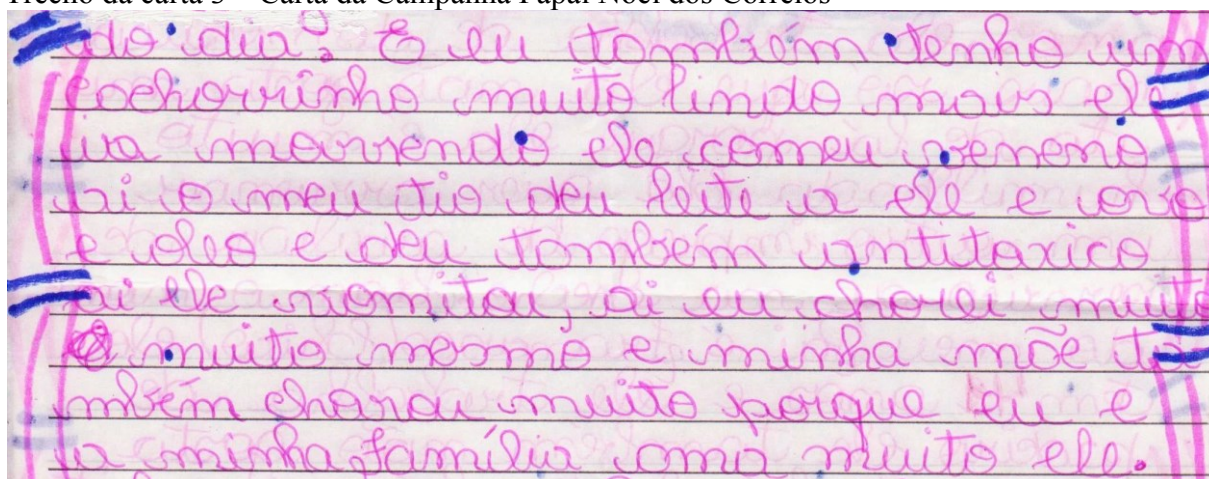
Missivista – Francielly, 13 anos

Transcrição:

“Eu não gosto muito de arrumar a casa quando eu chego da Escola eu arrumo todo dia.”

Neste trecho Francielly demonstra uma de suas atividades corriqueiras, ajudar a mãe com as atividades da casa. Por ser uma obrigação de todos os dias, ela afirma não gostar de arrumar a casa. Percebemos a partir dessa simples atividade, que observar a vida cotidiana nos permite apreender situações da cultura, do desenvolvimento, das práticas sociais estabelecidas por uma população, e verificar como o espaço é utilizado. Outro trecho da carta 3, traz uma situação não corriqueira, mas que faz parte do cotidiano dessas famílias, que nos permite observar as práticas sociais de determinado grupo para resolver o problema:

Trecho da carta 3 – Carta da Campanha Papai Noel dos Correios



Missivista – Francielly, 13 anos

Transcrição:

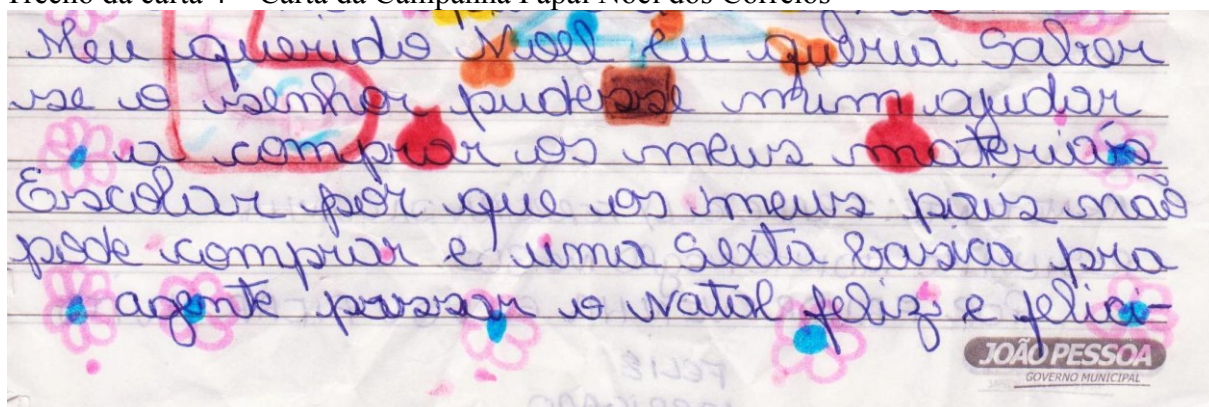
“E eu também tenho um cachorrinho muito lindo mais ele ia morrendo ele comeu veneno ai o meu tio deu leite a ele e ovo e óleo e deu também antitoxico ai ele vomitou, ai eu chorei muito muito mesmo e minha mãe também chorou muito porque eu e a minha família ama muito ele.”

Mesmo dando o antitóxico para o animal, as práticas vivenciadas nos costumes do grupo os induziram a dar outros elementos para o cachorro como: leite, ovo e óleo, na intenção de aliviar com mais rapidez o problema. Essa ação é típica dos costumes locais, receitas caseiras utilizadas por todo o grupo.

O apego ao animal de estimação é outro ponto forte expressado nas entrelinhas de seu discurso, todos envolvidos e apreensivos por sua vida. Pois o cachorro é considerado um membro da família. E é assim na maior parte das famílias mais carentes, ter um animal preenche muitos vazios causados pelos problemas sociais, pelos problemas familiares.

No trecho abaixo podemos perceber em qual ambiente Francielly está inserida,

Trecho da carta 4 – Carta da Campanha Papai Noel dos Correios

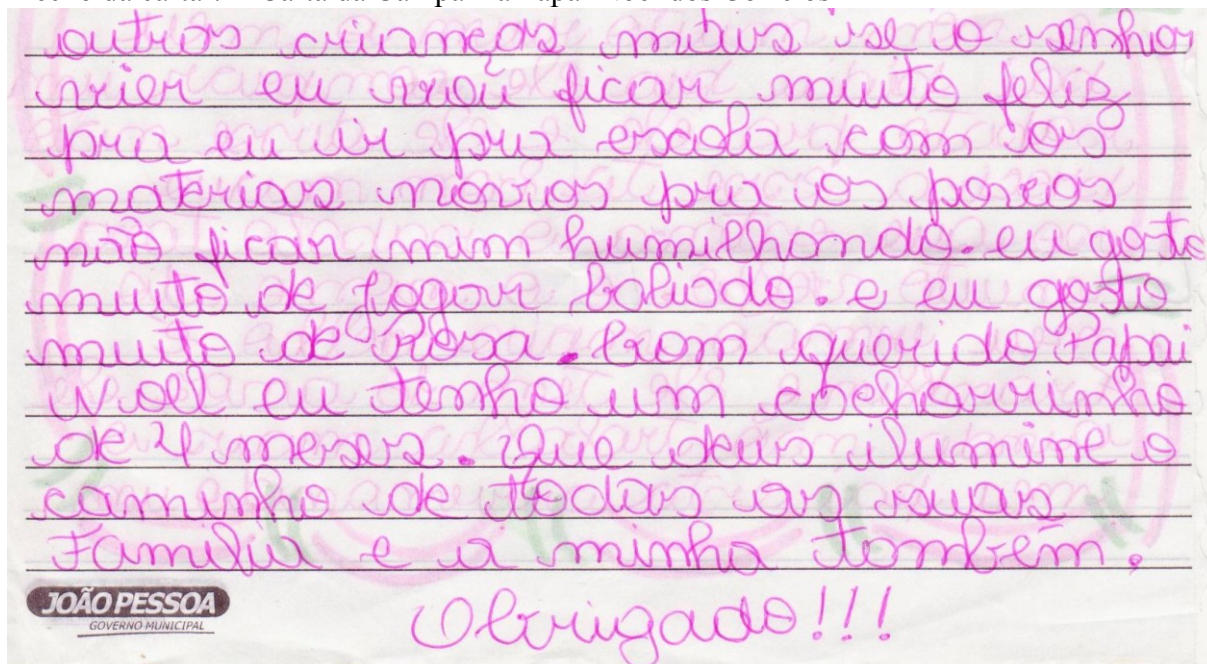


Missivista – Francielly, 13 anos

Transcrição:

“Meu querido Noel eu queria saber se o senhor pudesse mim ajudar a comprar os meus materiais Escolar por que os meus pais não pode comprar e uma sexta básica pra agente passar o Natal feliz e...”

Trecho da carta 7 – Carta da Campanha Papai Noel dos Correios



Missivista – Francielly, 13 anos

Transcrição:

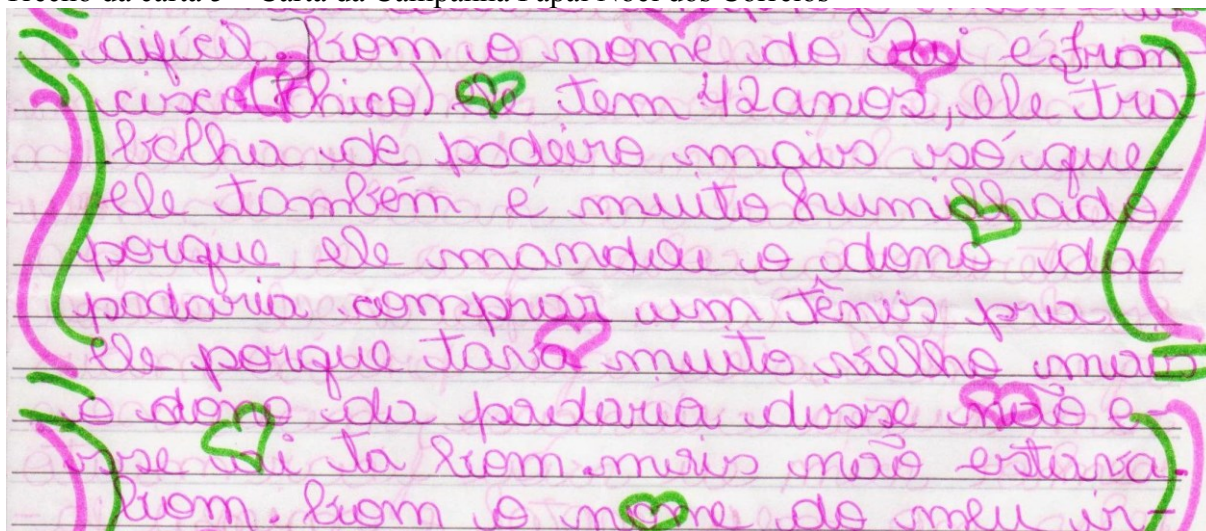
“outras crianças mais se o senhor vier eu vou ficar muito feliz pra eu ir pra escola com os materiais novos pra os povos não ficar mim humilhando. eu gosto muito de jogar baliado. e eu gosto muito de Rosa. bom querido Papai Noel eu tenho um cachorrinho de 4 meses. Que Deus ilumine o caminho de todas as suas Famílias e a minha também. Obrigado!!!”

O pedido feito por ela, não é normalmente o sonho de uma adolescente de 13 anos, no entanto, é sua necessidade no momento. Mas o que chama mais atenção é o símbolo do governo de João Pessoa fixado na folha utilizada por Francielly. O governo municipal distribui todo o material escolar para as crianças que estudam nos colégios públicos. No entanto, a partir das cartas de Francielly, não está sendo suficiente. Deste modo, Francielly está inserida em um grupo economicamente desfavorecido, isso pode ser percebido em todas suas cartas a partir das suas histórias, mas, fica mais nítido, a partir do ambiente que ela frequenta, como uma escola pública.

Outro ponto marcante da escrita da carta sete é o sentimento que ela sente de humilhação, de inferioridade por não ter o material escolar.

A carta 5 traz uma situação de desconforto para Francielly, e o seu discurso tem um tom de desabafo:

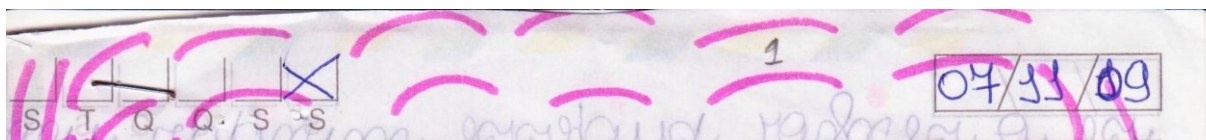
Trecho da carta 5 – Carta da Campanha Papai Noel dos Correios



Missivista – Francielly, 13 anos

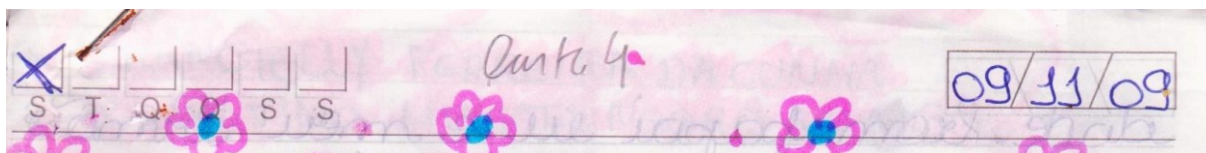
“bom o nome do Pai é Francisco (Chico) ele tem 42 anos, ele trabalha de padeiro mais só que ele também é muito humilhado porque ele mandou o dono da padaria comprar um tênis pra ele porque tava muito velho mais o dono da padaria disse não esse aí tá bom. mais não estava bom.”

É deste trecho que nasce a vontade de Francielly de pedir ajuda a partir de suas cartas. Todas elas trazem algum desabafo sobre a vida de seus pais. O convívio com o sofrimento, com o dia-a-dia de seus pais, transmite a essa garota o tom amargo da vida. De mão atada e impotente, a única saída foi escrever suas angústias em suas cartas. Como que em um diário Francielly escreve suas cartas quase que diariamente,



Data da carta 1 – Carta da Campanha Papai Noel dos Correios

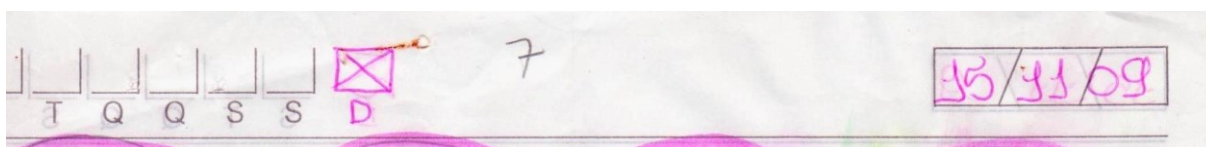
Missivista – Francielly, 13 anos



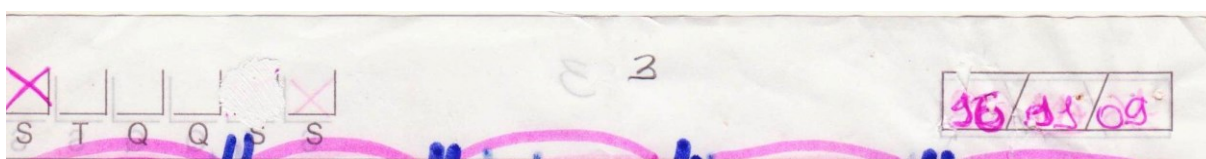
Data da carta 2 – Carta da Campanha Papai Noel dos Correios
Missivista – Francielly, 13 anos



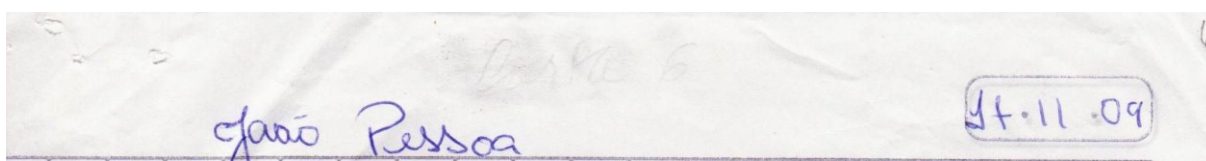
Data da carta 3 – Carta da Campanha Papai Noel dos Correios
Missivista – Francielly, 13 anos



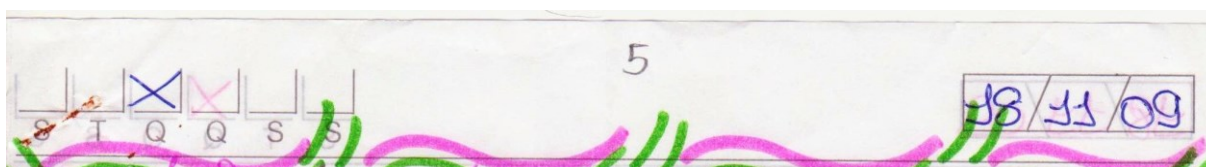
Data da carta 4 – Carta da Campanha Papai Noel dos Correios
Missivista – Francielly, 13 anos



Data da carta 5 – Carta da Campanha Papai Noel dos Correios
Missivista – Francielly, 13 anos



Data da carta 5 – Carta da Campanha Papai Noel dos Correios
Missivista – Francielly, 13 anos



Data da carta 7 – Carta da Campanha Papai Noel dos Correios
Missivista – Francielly, 13 anos

As cartas de Francielly se assemelham um pouco aos diários, aos cadernos de anotações que Foucault denominou de *hypomnemata*. No entanto, apesar das

correspondências se aproximarem muito dos cadernos de anotações, Foucault ratifica que se deve considerá-las como:

Simple prolongamento da prática dos *hypomnemata*. É algo mais do que um adestramento de si próprio pela escrita, por intermédio dos conselhos e opiniões que se dão: ela constitui também uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros. A carta faz o escritor “presente” àquele a quem a dirige. [...] Escrever é pois ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo. Carta proporciona um face-a-face. (FOUCAULT, 2004, p. 149-150)

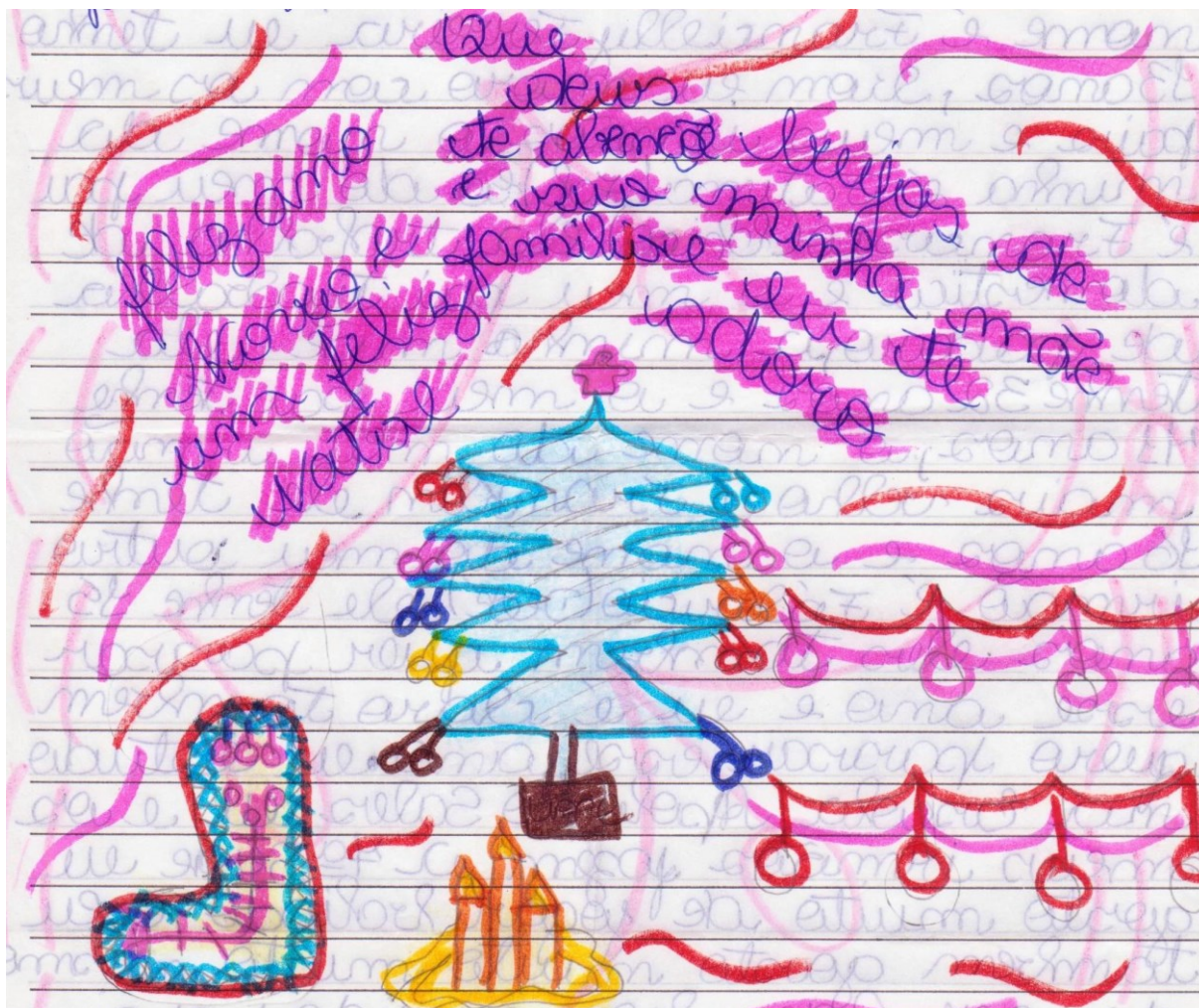
Foucault (1983) coloca as correspondências e os textos, a princípio produzidos para os outros, mas que abrem espaços também de reflexão e de meditações posteriores, provocando, do mesmo modo, um movimento interior de quem escreve, recebe, guarda e acumula. A carta, que é enviada para ajudar ou pedir ajuda, aconselhar seu correspondente, constitui para aquele que a escreve uma espécie de treino, desempenha o papel de um princípio de reativação: conselhos dados aos outros são uma forma de preparar a si próprio para uma eventualidade semelhante (KLINGER, 2007, p. 28).

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um corpo. “E é preciso compreender esse corpo não como o corpo da doutrina, [...] mas como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas.” [...] (FOUCAULT, 2004, p. 52).

Essa prática da escrita de si, como observa Foucault (1992), está no fato de escrever para si e para outrem. A escrita aparece, assim, associada ao exercício da reflexão do próprio autor, o pensar sobre si mesmo. Ela se revela como um exercício pessoal, uma estratégia de luta no combate a si mesmo. A escrita de si pressupõe que exista um sujeito cujas experiências, desejos, sonhos, vivências, cuja vida, enfim, seja narrada através do texto em primeira pessoa. Para Foucault (1992, p. 131), a escrita de si pode ser captada como complemento aos perigos da solidão, “uma prova e que como uma pedra de toque: ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde tecem as tramas”.

E para finalizar a nossa observação das cartas de Francielly, o trecho abaixo traz uma despedida cheia de cores e sentimentos. Este desenho veio no final da maioria das cartas escritas por ela.

Despedida da carta 1 – Carta da Campanha Papai Noel dos Correios



Missivista – Francielly, 13 anos

Transcrição:

“Que deus te abençoe e sua família”

“Feliz ano Novo e feliz Natal”

“Beijos de minha mãe eu te adoro”

Apesar dos problemas enfrentados por Francielly e sua família, o tom sonhador e romântico dão vida e colorido a sua história.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo faz parte dos resultados do projeto de pesquisa de dissertação de mestrado. Este trabalho procurou selecionar alguns aspectos das memórias cotidianas de Francielly, identificando a partir de suas histórias, a sua identidade, as suas relações sociais, o grupo em que vive, e suas atividades cotidianas. Destacou-se a questão do *ethopoietique* que para Foucault (1983, p. 6), “seria um operador da transformação da verdade em *ethos*”.

Amossy (2005) comenta que o *ethos* é compreendido por Aristóteles como a imagem de si construída no discurso, ou para os romanos, como um dado preexistente que se apóia na autoridade individual e institucional do orador (a reputação de sua família, seus estatuto social, o que se sabe do seu modo de vida, etc). A partir da análise das cartas de Francielly, foi possível observar esses aspectos.

A história dessa missivista traz à tona a realidade vivenciada pela maioria das famílias carentes de João Pessoa. Suas memórias são histórias compartilhadas, pois, as suas vivências diárias se apóiam nas memórias coletivas de um grupo.

Percebemos também a importância das cartas como artefato de informação e memória, que através deste estudo, ficou evidenciado que podemos construir a história de um grupo, a partir da escrita de si do indivíduo. Indivíduo esse que traz a tona lembranças individuais, apoiadas nas normas impostas pela sociedade.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COELHO, Karla Nunes de Barros Coelho. **A memória coletiva e as práticas cotidianas na cidade de Fronteira**. In. XII Seminário de História da cidade e do urbanismo. Porto Alegre – RS, 2012.

FOUCAULT, M. Escrita de si. In: _____. **O que é um autor**. 2 ed. [S.l]: Passagens, 1992.

FOUCAULT, M. “Os corpos dóceis”. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a, p. 125-52.

GOMES, Â. C. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KLINGER, D. I. **Escrita de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão, et all. 2º Ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993. POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

OLIVEIRA, Bernardina M.J. F; TAVARES, Derek W. S.; ANDRADE, Brenda A. cartas a Papai Noel: confissões autobiográficas. **Biblionline**, João Pessoa, v. 8, n. esp., p. 18-34, 2012.

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Universitária UNICAMP, 2007.

SANTOS, M. S. **Memória coletiva & teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 258-298, 1993.